



NATUREZAS EM MOSAICO: RELATO DE UMA EXPERIÊNCIA DE FORMAÇÃO EM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS

Nature in Mosaic: report of an experience in the training in Biological Sciences

João Paulo dos Santos Silva¹
Alessandra Alexandre Freixo²

(Recebido em 25/08/2015; aceito em 23/09/2015)

RESUMO: Este trabalho tem por objetivo abordar as experiências vivenciadas em um componente curricular do curso de graduação em Ciências Biológicas da Universidade Estadual de Feira de Santana, BA. O trabalho analisa o contexto das percepções de natureza dos estudantes matriculados na disciplina, discutindo suas influências na práxis humana e na cultura. Foram investigadas as percepções dos estudantes para a compreensão da importância destas na formação do profissional biólogo. Para dar subsídio à pesquisa, foi proposto aos estudantes que estes apresentassem uma imagem visual que representasse para eles a natureza. Todas as apresentações foram gravadas e, juntamente com os arquivos das imagens apresentadas pelos estudantes, compuseram o conjunto de dados a serem sistematizados e analisados ao longo deste estudo. Da sistematização e análise dos dados, partiu-se para o registro documental e socialização das imagens, objetivando assim a congregação de narrativas em mosaico. A elaboração do vídeo-documentário pretendeu ultrapassar o simples elemento de registro de uma pesquisa, tornando-se fonte de reconhecimento do sujeito como construtor de uma trajetória de vida e sua relação com a natureza, assim como as influências que levam este a compreender o mundo ao ser redor. O resultado foi um registro diversificado em significados socioculturais, que não dão somente um sentido ao que seja natureza, mas formam um mosaico de naturezas. Portanto, os estudantes produziram uma narrativa coletiva e singular sobre a natureza, que os possibilitou uma reflexão sobre os sentidos de natureza que se constroem no contexto da contemporaneidade, reflexão fundamental para sua formação profissional.

Palavras chave: imagem, produção de vídeo, representação, natureza

ABSTRACT: This work aims to describe experiences in a curricular component of an undergraduate course in Biological Sciences at State University of Feira de Santana. This work analyses the students' context of perceptions of nature, discussing their influences on human praxis and culture as well. The perceptions of students were investigated, aiming to understand the importance of these perceptions in the training of the future biologists. In addition, it was proposed to the students that they could demonstrate a visual image that would represent the idea of nature to them. All presentations were recorded, as well as the images presented by the students, composing the set of data to be systematized and analysed in this study. The documentary record and socialization of images were realized, aiming the congregation of a narrative in mosaic. The construction of the documentary intended to overcome the registration of a research, becoming a source of recognition of the students as constructors of a life path and their relationship with nature, as well as the influences that lead the students to understand the world around them. The result is a diverse and rich record with socio-cultural meaning, in which not only give a sense to what is nature but also shape a mosaic of nature. Thus, the students produced a collective and singular narrative on nature, in which enabled a reflection on the meanings of nature that have been built in the contemporary context, as a fundamental reflexion to their professional training.

Keywords: Image, Video production, Representation, Nature.

¹ Licenciando em Ciências Biológicas, Universidade Estadual de Feira de Santana, Bahia, Brasil. E-mail: jota.biologia.uefs@gmail.com

² Doutora em Ciências Sociais, Professora Adjunta do Departamento de Educação da Universidade Estadual de Feira de Santana, Bahia, Brasil. E-mail: aafreixo@hotmail.com

Introdução

A humanidade tem passado por grandes transformações. Concebemos conhecimentos e histórias, nas quais as concepções de natureza tem moldado um contexto de características sociais, culturais, tecnológicas e até econômicas em cada época. De acordo com Leff (2003), a complexização do mundo é o encontro do ser em vias de complexização com a construção do pensamento complexo. Portanto, a percepção social transcendeu a cada período com uma forma mais crítica de observar o mundo ao seu redor. Do mesmo modo, desde os primeiros desenhos nas paredes das cavernas até os quadros pitorescos modernos, muito dos valores humanos e intelectuais foram expressos. Desta forma, a maneira como a natureza é interpretada também muda e diversifica-se. Isso é um sinal de que somos objeto e observador de nós mesmos e do mundo, e construímos relações ideológicas através desta interação, para que então se (re)formem opiniões, hábitos, necessidades, simbologia e cultura, em um ciclo vivo e muito importante para a manutenção das identidades sociais.

A imagem é uma grande forma de representação simbólica. Seja através de um desenho, pintura ou fotografia, o objeto em questão adquire significados diversos e com um toque de subjetividade, varia de um observador a outro. De acordo com Tuan (1980), um símbolo é um repertório de significados. A imagem, como fonte de significados, traz em si muito do ideal de quem está por trás da criação, e certamente a percepção de tal ultrapassa a estética, envolvendo em si recordação, surpresa, família, a criação, o verde e não-verde, o antropomorfismo, etologia, a busca pelo selvagem, o sentimento afetivo por um lugar, entre outros tantos. Todas essas concepções/percepções de natureza conflitam-se constantemente com visões de mundo, instigando o sujeito ao conflito e à curiosidade em compreender, com a perspectiva de que todas as visões nada mais são do que formas de interpretar a natureza e representam muito das atitudes e experiências de cada sujeito em seu espaço.

Objetivando explorar o potencial da imagem como fonte de pesquisa, este trabalho busca compreender as percepções de natureza presentes entre estudantes de Ciências Biológicas de uma Universidade pública do Estado da Bahia, no intuito de ampliar a noção de natureza que comumente se reproduz entre os futuros biólogos, por vezes relacionada aos ciclos vitais, introduzindo para tanto a noção de mosaico de natureza (MEDEIROS, 2002). A narrativa, expressada pela imagem, permite muitas vezes (re)conhecer culturas e percepções. A partir deste potencial, discutiremos o papel do sujeito na construção da representação de natureza. Vale ressaltar que, ao abordarmos a questão da imagem como fonte de pesquisa, a imagem em si possui uma linguagem própria, acrescentando novas dimensões à interpretação textual que permite aprofundar a compreensão do universo simbólico que se exprime em sistemas de atitudes pelos quais se definem grupos sociais, se constroem identidades e se apreendem mentalidades. Ao mesmo tempo, a imagem não se auto-explica, ela se apoia muitas vezes no contexto de produção ao qual está inserida, ou então é acompanhada por itens explicativos que orientam o observador (BARBOSA; CUNHA, 2006).

Utilizar as imagens de natureza para instigar o profissional biólogo a conhecer as várias identidades culturais, permitindo que este amplie sua capacidade para

investigar, inovar e se auto motivar é fundamental para compreender a complexidade ao nosso redor e romper a barreira do que Morin (2008) atribui como “conhecimentos simples”, buscando um método para entender as articulações chave Objeto/Sujeito, Natureza/Cultura, *Physis/Sociedade*. Esta pesquisa não busca responder o que é natureza. Todavia, este trabalho pretende refletir as várias formas de ver e de ser da natureza, expressas nas narrativas e imagens apresentadas por estudantes de Ciências Biológicas. Por isso, exploramos aqui não somente a imagem, mas sim o diálogo multidirecional deste processo, tal como proposto na Figura 1. Afinal, explorar este potencial para tratarmos de natureza é o que buscaremos neste artigo.

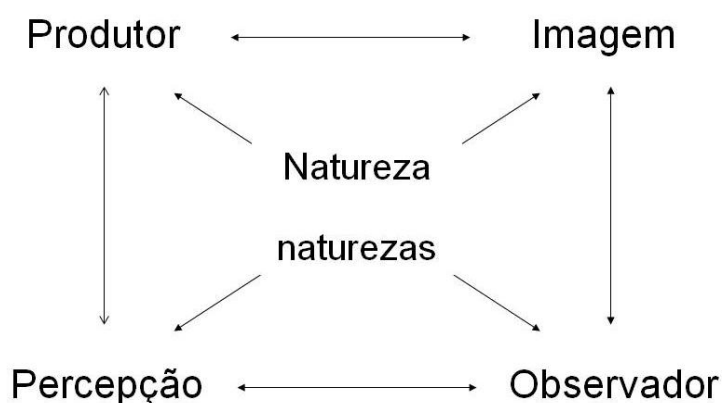


Figura 1. O diálogo do ente e do ser. Fonte: Elaboração do autor.

Metodologia

O trabalho foi desenvolvido sob a perspectiva da pesquisa qualitativa, desenvolvida em sala de aula. A pesquisa foi conduzida envolvendo estudantes ao longo de dois semestres letivos de uma disciplina integrante do currículo do curso de Ciências Biológicas da Universidade Estadual de Feira de Santana. A disciplina propõe discutir as representações de natureza produzidas pela escola, pelos diferentes sistemas de conhecimento (tradições culturais), pela mídia (documentários, cinemas, revistas, TV) e nos livros didáticos e paradidáticos. Em adição, a disciplina problematiza e analisa a visão antropocêntrica de natureza nos textos e discursos veiculados e produzidos nos espaços formais e não formais de educação. Além disso, a disciplina propõe analisar as representações implícitas e explícitas entre estudantes de biologia, debatendo seu papel em sua formação científica. A disciplina consta de uma carga horária de 60 horas, sendo que as aulas têm duração de 4 horas e são realizadas uma vez por semana.

Na etapa inicial do trabalho, ocorreu a introdução de temáticas sobre imagem, natureza, e o conceito de natureza, por meio de leituras orientadas e debates. Munidos desses referenciais, os estudantes apresentaram suas imagens de natureza, buscando suporte tanto nos textos quanto nas imagens e contexto de produção para a socialização de suas percepções e representações de natureza. Numa etapa posterior, foi proposto aos estudantes que estes apresentassem uma imagem visual que representasse para eles a natureza. Estas imagens poderiam ser

expostas na forma de um desenho, um vídeo, ou uma fotografia. Estas imagens transformaram-se em fontes de informação, seguindo as orientações propostas por Meneses (2003). Todas as apresentações foram gravadas, tanto em audiovisual, quanto em gravador digital que, juntamente com os arquivos das imagens apresentadas pelos estudantes, compuseram o conjunto de dados a serem sistematizados e analisados ao longo desta pesquisa.

De posse das gravações em áudio e vídeo e das imagens visuais apresentadas pelos estudantes, partimos então para a identificação e compreensão dos diferentes significados e representações de natureza e organizá-los em categorias, como por exemplo, a noção de natureza verde, a natureza intocada, os bichos são natureza, enfim, realizando o estudo da imagem. Estas categorias foram construídas em parceria com os estudantes, ao final de cada semestre letivo. O estudo envolveu a integração da representação existente na narrativa dos estudantes em consonância com a imagem visual. A análise linguística e discursiva interligou-se à análise pictórica e figurativa, tal como propõem Meneses (2003) e Joly (2012).

Através do levantamento bibliográfico, tentou-se compreender as representações apresentadas pelos estudantes, interligando seu papel na formação de futuros licenciados e/ou bacharéis em ciências biológicas e até que ponto as imagens podem contribuir para uma crítica em relação à temática ambiental (ANDRADE, 2002).

Com a finalização da etapa de apresentações e gravações, a releitura de todas as imagens foi realizada, de modo a buscar uma categorização coletiva das representações de natureza que estas imagens suscitaram, agrupando-as de modo a compor um projeto de edição que seriam integradas a um vídeo-mosaico de imagens de natureza. Este vídeo-mosaico compõe toda a diversidade de imagens produzidas pelos estudantes durante a pesquisa. Vale lembrar que todas as imagens registradas em áudio e vídeo foram devidamente autorizadas pelos estudantes, mediante assinatura de termos de autorização de uso de imagem.

Como esta intervenção foi realizada em duas turmas, ao fim de cada semestre letivo, procedeu-se a construção coletiva de dois vídeo-mosaicos, decorrentes de distintas categorizações das representações de natureza, que originaram diferentes projetos de edição. As categorizações dos sentidos de natureza que serão apresentadas a seguir constituem um projeto coletivo, elaborado a partir da reflexão conjunta com os estudantes, tomando como base a literatura consultada ao longo da disciplina, destacando aqui o papel das reflexões de Tuan (1980), Carvalho (1994), Diegues (2001) e Medeiros (2002). Desta maneira, a proposta de elaboração do vídeo-documentário pretende ultrapassar o simples elemento de registro de uma atividade, tornando-se fonte de reconhecimento do sujeito como construtor de uma trajetória e sua relação com a natureza, considerando as influências que levam o sujeito a entender o espaço ao ser redor.

A produção coletiva do vídeo-documentário é também uma atividade de reconhecimento dos sujeitos como produtores de imagens, informação e memória sobre natureza. Assim, os estudantes foram estimulados a construir uma narrativa sobre a natureza, que envolve uma multiplicidade de sentidos, postos a dialogar num processo de interconhecimento. Diante dos múltiplos sentidos de natureza elaborados na trajetória da pesquisa, selecionamos alguns deles, que serão abordados com mais detalhes nos tópicos que seguem.

Um olhar sobre o mosaico de naturezas: percepções para além do verde

Realizemos um breve exercício: pensemos em natureza. Cada sujeito, com suas experiências e visões de mundo atribuirão diversos significados para esta palavra: o mar, o verde, água, o cosmos, enfim, uma gama de representações que muitas vezes permutam entre o conceito e o que é percebido. Mas dentre estas percepções, nós, sujeitos atuantes, nos excluimos destes espaços que muitas vezes facilmente concebemos. Trabalhar com natureza, e mais ainda, naturezas, envolve o entrelaçamento de fronteiras entre nossa organização social e política, o rompimento da ideia de cultura ocidental como algo monolítico, e a construção histórica de cada sujeito.

Mais que uma visão globalizante ou ocidentalizada sobre natureza, cada indivíduo tem capacidade de criar uma ideia de natureza, e o melhor diálogo sobre os múltiplos pontos de vista sobre natureza seria aquele que busque trabalhar as diferenças, e para que este ocorra é necessário que exista um momento que contemple estes diferentes significados de natureza (MEDEIROS, 2002).

Ao se falar em natureza, surgem à tona outros debates interligados, como a relação entre o sujeito e seu espaço, objeto e observador, o outro e a temática ambiental, que perpassa por toda a sua complexidade ambiental, que prepara uma pedagogia, através de uma nova racionalidade que significa a reapropriação de conhecimento do ser do mundo e do ser no mundo; do saber e da identidade que são forjados e incorporados ao ser de cada indivíduo e cada cultura (LEFF, 2003).

No caminho de produção do mosaico de imagens entre os estudantes, percebe-se uma variada amplitude de imagens e narrativas, que ultrapassam a ideia de “natureza verde”, atrelada geralmente a um mito da natureza intocada (DIEGUES, 2001), característica do avanço dos movimentos ecológicos, e com raízes na histórica cisão *physis-nomos*, iniciada pelos gregos (MEDEIROS, 2002). Apesar desta imagem de natureza ainda ser presente entre os estudantes, um olhar mais minucioso sobre as imagens produzidas nos permite ampliar tais percepções, abarcando inúmeras outras nesse mosaico de imagens. Dentre essas imagens, destacamos algumas que representam um pouco da pluralidade de representações que compõem o vídeo-mosaico produzido. Exploraremos aqui os mundos (in)comuns da natureza.

O inter-agir com a natureza: cenário de vida

A imagem aqui apresentada (Figura 2) remete a uma construção perceptiva proposta por José³. Em um cenário urbano, em um ambiente residencial, uma criança está emoldurada em uma moto de brinquedo, em um parque de diversões. Nada dos elementos considerados clichês associados à natureza. Não é possível visualizar nesta moldura o mar, as florestas ou rios. Desta forma, José é o ponto central na fotografia.

Porém, na construção do todo, do cenário e do personagem que se emoldura, que a ideia de natureza se constrói. Entra em cena o elemento que José quer representar, que não envolve a negação da natureza, mas justamente a integração entre *urbis* (cidade) e *physis* (natureza), e um potencial questionador: o *nomos* (sociedade). Em

³ Todos os nomes dos estudantes participantes desta pesquisa tiveram seus nomes substituídos por pseudônimos, que aparecem ao longo do texto em itálico, de modo a garantir seu anonimato.

carrossel perceptivo *José* tem buscado integrar algo que há muito é discutido de forma fragmentada. Em alguns minutos, *José* questiona o abismo secular entre humanos e natureza, inclusive retornando à infância para remeter o cenário em que constitui sua relação com o ambiente, com seu espaço, com sua natureza.



Figura 2: “O cenário em que vivi”. Feira de Santana, BA.
Foto: Acervo fotográfico familiar de *José*.

Eu considero muito a interação que as pessoas têm e a relação que elas têm com o ambiente em que vivem, basicamente essa foto foi o cenário que eu vivi a vida inteira. *José*.

Ao narrar esta fotografia, *José* realiza o exercício de reconstruir todo o cenário, que ao mesmo tempo é sua memória, mas também memória de quem contou para ele aquela situação. A incorporação seletiva de um passado reinterpretado para um futuro liberado não ocorrerá se a memória do passado for destruída, ou se seus produtos culturais forem conhecidos somente como peças de museu (DIEGUES, 2001). Mesmo assim, este retorno permite um novo olhar para a paisagem, e ao recuperar em outras ocasiões esta fotografia, a narrativa e a paisagem já não serão as mesmas. Isso nos permite compreender o quanto a imagem remete ao âmbito da subjetividade e, apesar de estar emoldurada e sem movimento, permite que o observador caminhe e possa dialogar com o cenário fixo da fotografia, mas mutável, da imagem.

A infância é o ponto em que *José* busca a essência desta ligação, inclusive como partida para narrar a sua trajetória de vida e sua relação com a natureza. Ao recorrer à memória para retratar a dimensão do vivido, fica evidente que o ambiente da infância, o parque, fornece o estímulo sensorial que, ao agir como imagem percebida, dá forma às alegrias e ideais (TUAN, 1980). Assim, a consciência do passado é um elemento importante do amor pelo lugar. Com a fotografia, o narrador traz, através da criança, na essência das experiências do vivido, a relação entre o ambiente e os seres humanos.

A imagem aqui apresentada traz à tona algo além da representação da natureza como verde, que alguns estudantes reconheceram como “imagem clichê” de natureza, abrindo espaço para que se construa uma noção da diversidade de imagens de natureza. Esta perspectiva evidencia a noção de mosaico, com todas

suas diversidades de formas, cores e sentidos, no qual não existe uma única imagem de natureza a ser apresentada por cada estudante, mas existe uma narrativa a se construir, uma memória de um momento, e a necessidade do narrador em construir uma história que faça sentido e o projete frente aos interlocutores. A natureza, como temática, passa ser um mote para a narrativa, na reconstrução de um momento que não pode ser esquecido, pois, como afirma Walter Benjamin:

um acontecimento vivido é finito, ou pelo menos encerrado na esfera do vivido, ao passo que o acontecimento lembrado é sem limites, porque é apenas uma chave para tudo o que veio antes e depois. Num outro sentido, é a reminiscência que prescreve, com rigor, o modo de textura (BENJAMIN, 1987, p. 37).

Portanto, este narrador constrói seus sentidos, reinventando a natureza a partir do seu ambiente, da sua interação. Assim, novos sentidos de natureza vão se construindo entre os estudantes, que recorreram sempre por suas memórias nas apresentações.

A natureza é o momento, a trajetória, o ciclo

Outra categoria, construída a partir do debate para a elaboração do vídeo-mosaico, deriva da presença marcante dos animais de estimação no cotidiano de alguns dos estudantes, que os fizeram elencar como imagem de natureza, o “bicho”. Desde os primórdios, o homem usufruiu dos animais para diversas atividades. Com o surgimento das cidades, a situação não deixou de ser diferente. Nas ruas dos centros urbanos europeus, por exemplo, era comum conviver com porcos, cachorros, gatos e ratos, além dos animais que eram utilizados para tração. A utilidade, sem sombra de dúvida aproximava ainda mais os animais dos homens. É neste sentido que Thomas (1988) retrata a relevância da relação dos seres humanos com os animais, assunto para o qual reserva todo um capítulo de seu livro “O homem e o mundo natural”. Estes verdadeiros “companheiros domésticos” (THOMAS, 1988, p.111), tem sua natureza deveras aproximada à natureza humana. Além de um “retrato de natureza em casa”, os animais proporcionavam companhia aos solitários, alívio aos fatigados e compensação aos que não tinham filhos.

Vivendo em tal proximidade de “naturezas”, esses animais eram muitas vezes considerados como indivíduos e cada vez mais ganhavam um papel crucial para a humanidade, sendo estes espelhos da natureza, mostrando assim uma retomada ao ambiente primordial humano nas cidades. Consequentemente, características sociais foram atribuídas ao comportamento animal, principalmente para refletir que a natureza, através dos animais, possuía uma hierarquia que tinha ligação direta com o comportamento humano.

Esse uso contínuo de analogia e metáfora animais no discurso cotidiano reforçou o sentimento de que os homens e bichos habitavam o mesmo universo moral e que termos de louvar ou reprovação podiam ser aplicados de maneira intercambiável a qualquer um deles (THOMAS, 1988, p. 119).

Além disso, a analogia sentimental entre ambos criou laços cada vez mais afetivos, e popularizou-se cada vez mais, com adesão crescente de mais adeptos à domesticação dos animais, fenômeno crescente através dos tempos e visivelmente marcante com o advento dos grandes centros urbanos. Por outro lado, autores como

Descola (1998) e Ingold (2000), ao proporem uma análise mais ampla das percepções dos seres humanos e sua relação com os animais, defendem que este processo que aqui chamamos de humanização – que incute aos animais a mesma ética e responsabilidade moral humana – constitui-se numa característica típica do pensamento ocidental, que ontologicamente concebe uma dualidade entre dois mundos: o mundo da cultura e o mundo da natureza, ou ainda o mundo dos humanos e dos não-humanos, tal como sugere Ingold (2000). Neste sentido, a humanização dos bichos de estimação não constitui um reconhecimento de sua natureza animal, mas sua inclusão no mundo dos humanos, onde são tratados como membros da família. No processo de humanização, os “bichos” se tornam membros da família, ganham nome próprio e, por vezes, sobrenome, como ressaltaram alguns dos estudantes ao descrever seus “bichinhos”.

Ao mesmo tempo, estes animais são por vezes incluídos hierarquicamente nesta sociabilidade da família, sendo em geral infantilizados como eternos “bebês”, que nunca envelhecem, sendo debilmente incluídos neste mundo de humanos. Esta valorização dos animais perdura como retrato de nossa cultura ocidental, e atualmente a tendência em ter um animal em casa faz parte da nossa realidade moderna. As narrativas e imagens de natureza apresentadas pelos estudantes, como representada pela Figura 3, contemplam esta humanização dos animais, além de reforçar ideia de que os bichos permitem uma proximidade maior entre o homem e a natureza.



Figura 3: “Minha aranha, Valkíria”. Jequié, BA. Foto: *Inácio*.

Essa daqui é minha aranha, Valkíria. Eu acompanhei todo o ciclo dela [...] A vida aqui na universidade é um processo, você passa algumas dificuldades, tem os estudos, tem as relações com as pessoas ainda. E a aranha também passa [...] Isso faz parte do processo evolutivo dela. Como a gente também tem. E às vezes eu penso e retrato assim: por mais difícil que seja, sempre a gente tem a oportunidade de renascer. *Inácio*.

A imagem proposta por *Inácio* pode remeter o leitor à ideia de natureza pelo fato de ser uma aranha, um animal, aquele mais próximo do ambiente natural. Todavia, o autor da imagem utiliza a aranha, que por sinal, não é uma aranha qualquer, mas “Valkíria”. *Inácio* busca comparar os ciclos de vida da aranha, através da ecdise,

com os ciclos da natureza. Da mesma forma, *Inácio* compara todo o processo da troca do exoesqueleto com sua trajetória de vida até o acesso ao nível superior. Por outro lado, observamos o quanto a construção de um símbolo remete à *Inácio* a ideia de natureza, inclusive em uma escala que nos permite referenciar o sujeito como ser individual e coletivo, em um ciclo dentro de ciclos. Neste caso, a própria ecdise simboliza a passagem de uma fase para outra, como para ele o acesso à universidade simboliza um novo ciclo de vida. Logo, a natureza não é aqui somente um ciclo, mas também um processo evolutivo em que constantemente os seres humanos estão atrelados, e mesmo que não se perceba, ou seja evitado, existe a necessidade de convivemos e buscamos nos “adaptar” às novas situações que o cotidiano e as relações sociais oportunizam.

Homem e natureza: cidade e floresta

Outra categoria construída no diálogo das imagens de natureza apresentadas pelos estudantes é a noção da interação entre natureza e a cidade. O termo cidade pode parecer contrastante, mas demonstra o retrato simbólico entre a intervenção humana em um espaço em que não há delimitação entre a selva de pedra – símbolo do poder de transformação do ser humano – e a floresta. No processo de socialização das imagens no grupo de estudantes, nos defrontamos com a imagem produzida por *Marcos* (Figura 4), que ressalta sua representação de natureza ligada ao verde; contudo, questiona o sentido de natureza para além da dicotomia entre *Urbis e Physis*.



Figura 4: “A natureza em perfeita harmonia”. Lençóis, BA. Foto: *Marcos*.

Isso aqui foi uma imagem que eu tirei em uma viagem que eu fiz pra Chapada, em 2010, e aqui a gente pode perceber a natureza, bem bonita, e aqui as construções humanas, e aqui tem a cidade, com uma casa, e assim, isso me tocou bastante porque pode perceber que a natureza tá perfeita aqui, e o homem interagindo. *Marcos*.

Neste contraste, institui-se uma clara fronteira entre natureza e cidade, a primeira como sinônimo da produção humana. Por outro lado, a segunda é sinônimo de beleza, sintetizada pelo termo “perfeita”. Vejamos aqui a imagem de *Marcos*, que nos remete à interpretação da natureza em “perfeita interação com a cidade” Primeiramente, a imagem proposta por *Marcos* retrata a afirmação da interação entre urbanização e natureza, estando a cidade imersa “nos fenômenos da natureza”. A cidade, representada pelo muro no canto direito da foto pelo muro do

Mercado de Lençóis, está imersa na natureza, e toda a sua organização baseia-se de acordo com a topografia do lugar. Além disso, *Marcos* faz referência à cidade através do belo que não se remete apenas ao romantismo impresso no rural e o culto ao campo, mas ao sentimento afetivo pelo lugar (TUAN, 1980). Desta forma, o Mercado de Lençóis é um importante elemento simbólico do local que reforça a uma organização entre homem e natureza a partir destes fenômenos que os interligam. Assim, ele tenciona uma questão presente em boa parte da literatura que aborda a temática da representação da natureza: o debate sobre as fronteiras entre natureza e cultura e, por consequência, o limite entre o natural e o artificial, como polos opostos de significação.

Neste aspecto, a questão que *Marcos* suscita é de fundamental importância para refletirmos sobre a construção do pensamento ocidental, bem como este pensamento constrói uma dicotomia que teve influências importantes na nossa percepção e concepção de mundo. De acordo com diversos autores, dentre os quais destacamos Medeiros (2002), Carvalho (1994) e Leff (2003), o conceito de natureza é historicamente construído e deriva primordialmente da constituição da *Physis* e do *Nomos*, como entidades separadas, no pensamento grego. Este processo de construção da *Physis*, segundo Leff (2003), levou a uma distinção entre o “ente” (universo conceitual) e o “ser” (universo dos seres/coisas), o que levou este autor a compreender a crise ambiental atual como “crise de saber”, na medida em que esta crise seria reflexo do nosso modo de compreensão do mundo. Entretanto, *Marcos*, na preocupação de buscar romper com a dicotomia entre construções humanas e não-humanas, finda por reforçar as fronteiras entre cultura e natureza (em última instância entre *Physis* e *Nomos*).

Natureza ou ambiente: o que é natureza, afinal?

Outra categoria construída a partir do debate para a elaboração do vídeo-mosaico deriva do questionamento da natureza como ente concreto e existente. Um desses debates é representado pela imagem (Figura 5) de *Ricardo*. Esta imagem demonstra, de acordo com o autor, a fronteira entre um espaço modificado pela ação humana, no plano abaixo, e o espaço ou ambiente natural, logo acima (região verde).

A criação das “delimitações” permitiu ao ser humano toda a submissão da natureza às suas necessidades e vontades. Ao mesmo tempo, a natureza é a fonte para suprir as necessidades humanas. A própria criação dessas necessidades instituiu espaços, inclusive protegidos por lei, para a preservação deste ambiente natural e manutenção de outras necessidades. Porém, o que *Ricardo* busca através da sua leitura é afirmar que a natureza não existe. Para defender sua ideia, *Ricardo* utiliza-se do termo ambiente, permitindo demonstrar uma disputa de poderes no campo das ideias. Consequentemente, a natureza seria o local a ser protegido, tanto para o bem dela quanto para o nosso bem, bem como o ambiente é o espaço delimitado para sobrevivência. Mais do que um simples jogo de artigos e substantivos, a relação de poder que exercemos e instituímos delimita o acesso aos recursos naturais.



Figura 5:“Os Ambientes”. Camaçari, BA. Foto: *Ricardo*.

Não existe natureza, existem ambientes. Existe o ambiente natural, e o ambiente construído. O ambiente natural vem sendo muito degradado, então o ser humano viu a necessidade de fazer algo. Natureza é só uma forma de eu delimitar algo que deve ser protegido. *Ricardo*.

A ideia de natureza objetiva e exterior ao homem, o que pressupõe uma ideia de homem não-natural e fora da natureza, cristaliza-se com a civilização industrial inaugurada pelo capitalismo (GONÇALVES, 1996). O “ambiente natural” representado pela floresta é aquele composto por água, fauna e flora. Em contrapartida o “ambiente construído” é representado pelo solo sem as árvores, aquele em que atuamos modificando o espaço a partir das nossas necessidades de sobrevivência, inclusive legitimando esta divisão para avançar a exploração do “ambiente natural”.

Porém, não é do ambiente natural que os humanos evoluíram até tornarem-se espécie? Não é deste ambiente natural que, apesar de tudo, vivemos? E porque não reunir estes ambientes em um só, em um complexo? A categorização em ambiente natural e ambiente construído reforça, apesar do questionamento proposto por *Ricardo*, a dicotomia entre *physis* e *nomos*, entre natureza e cultura. O grande passo é permitir que todas estas dicotomias se entrelacem, se reforçando como fronteiras. Esta questão é também abordada com certa radicalização por Ingold (2000), que argumenta sobre a impossibilidade da manutenção do conceito de natureza na atualidade. Para Ingold (2000), o conceito de natureza, por se originar desse processo de objetivação dos seres humanos em relação ao mundo das coisas, é e sempre será tomado como uma externalidade, requerendo assim essa dualidade entre o mundo dos humanos e o mundo dos não-humanos. De acordo com Ingold (2000), um caminho mais seguro para evitar esta dualidade seria a substituição do conceito de natureza (externalidade) por ambiente (considerado como envolvente das relações entre humanos e não humanos).

Outro questionamento emerge a partir do momento em que não observamos o ser humano nesta imagem, já que a narrativa traz essa dicotomia entre os “ambientes”: onde está o elemento humano na imagem? Uma possibilidade de leitura é a do ser humano como um observador deste cenário, sendo onipresente. Ao mesmo tempo,

nos inserimos como onipotentes neste mesmo ambiente, pois somos altamente capazes de modificá-lo. Tuan (1980) descreve que ver é uma atividade estética e intelectual que coloca uma distância entre o objeto e o observador, mas esta mesma visão, a partir da imagem de Ricardo nos insere dentro do ambiente, nos reaproximando das situações que nós mesmos criamos. Esta imagem permite esta leitura de dentro para fora e de fora para dentro. Assim, em um mesmo olhar, podemos nos projetar como objeto e observador deste espaço.

Considerações Finais

No caminho de produção do mosaico de imagens entre os estudantes, constatou-se uma variada amplitude de imagens e narrativas, que ultrapassam a corrente ideia de “natureza verde”, atrelada geralmente a um mito da natureza intocada (DIEGUES, 2001), característica do avanço dos movimentos ecológicos, e com raízes na histórica cisão *physis-nomos*, iniciada pelos gregos (MEDEIROS, 2002). Apesar desta imagem de natureza ser presente entre os estudantes, um olhar mais minucioso sobre as imagens produzidas nos permite ampliar tais percepções, abarcando inúmeras outras nesse mosaico de imagens. Igualmente, estas e outras formas de perceber a natureza foram de fundamental importância para a construção de conhecimento para todos os participantes das atividades. Não só porque serviram de exemplo direcionado a assuntos filosóficos, históricos, sociais e ambientais, como também permitiram entender os diversificados significados de imagens da natureza. Da mesma forma, as leituras prévias realizadas pelos estudantes serviram de arcabouço teórico para o processo de apresentação das narrativas, e não como meio para influenciar seus olhares. Pelo contrário, nas narrativas, os estudantes ressaltavam as ideias de autores refutando-as ou defendendo-as a partir das suas próprias experiências e percepções de natureza.

O debate sobre natureza permite abordar a questão da complexidade ambiental, da formação ambiental e do papel das significações sociais e posicionamento diante do mundo (LEFF, 2003). Ver o mundo de forma sistêmica é muito importante para esses futuros formadores de opinião, pois permitirão percebê-lo através de uma análise crítica dos fatos e compreender assim o repertório da humanidade até o ponto em que chegamos. Além disso, em uma sociedade que não pode mais ser vista restritamente, entender o próximo e valorizar e compreender as diferentes culturas permite a manutenção do bem-estar da humanidade e do planeta.

Recorrendo a imagens fotográficas como importantes recursos de ensino e de pesquisa, foi possível uma construção coletiva de um mosaico de imagens da natureza, no intuito de elevar os estudantes ao status de produtores de imagens. Os estudantes foram estimulados a produzir uma narrativa coletiva sobre a natureza, que certamente os possibilitou uma reflexão sobre os sentidos de natureza que se constroem e/ou se reproduzem no contexto da contemporaneidade, reflexão esta fundamental para sua formação profissional.

Os estudantes, em sua “arte de dizer” (DEVOS, 2005), produziram uma narrativa coletiva, mas também singular, sobre a natureza, que os possibilitaram uma reflexão sobre os sentidos de natureza que se constroem e/ou se reproduzem no contexto da contemporaneidade, reflexão fundamental para sua formação profissional, pois a capacidade de pensamento e reflexão são aspectos que caracterizam o ser humano como criativo e não como mero reprodutor de ideias e práticas que lhes são exteriores (ALARCÃO, 2007). As imagens expressam situações significativas de

uma sociedade. Utilizá-las para perpetuar a construção de símbolos, representar a historicidade, os atores sociais e estilos de vida realmente contribuem para a manutenção da cultura e das experiências, contribuindo na compreensão das fronteiras existentes entre sociedade e cultura assim como os aspectos que as mantiveram vivas até aqui.

Os vários olhares de natureza se (des)encontraram no mosaico representado de modo singelo na Figura 6, primeira cena do vídeo-mosaico produzido pelos estudantes.



Figura 6: Mosaico de imagens de natureza: vídeo-documentário.

Fonte: Trabalho realizado pelos estudantes de Ciências Biológicas da Universidade Estadual de Feira de Santana, 2012.

Estes olhares foram fundamentais para refletirmos o quanto a percepção e concepção de natureza estão interligadas em um contexto social, político, ideológico, etc. e dentro deste contexto existem conflitos e disputas de poderes, mas através destes pontos de conflito é que se pode dialogar e enriquecer ainda mais o percurso da pesquisa e o mosaico, rompendo a barreira de que a cultura ocidental é entendida somente como um bloco homogêneo; pelo contrário, envolve a multi(inter)culturalidade que inter-age em uma fronteira comunicável e fluida. Enfim, uma imagem não vale mais que mil palavras, mas uma imagem de natureza rende muitas percepções.

Referências

ALARCÃO, I. **Professores reflexivos em uma escola reflexiva**. São Paulo: Cortez, 2007.

ANDRADE, R. de. **Fotografia e antropologia: olhares fora-dentro**. São Paulo: Estação Liberdade, 2002.

BARBOSA, A.; CUNHA, E. T. **Antropologia e imagem**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

BENJAMIN, W. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987 (Obras escolhidas, 1).

CARVALHO, M. de. **O Que é Natureza**. 2. ed. São Paulo, SP: Brasiliense, 1994.

DESCOLA, P. Estrutura ou sentimento: a relação com o animal na Amazônia. **Mana**, v.4, n.1, p. 23-45, 1998.

DEVOS, R. V. “Pra lá pra aquele lado lá tudo é assombrado”: memória, narrativa, espaço fantástico e a questão ambiental. **Illuminuras**, n.59, p. 1-32, 2005.

DIEGUES, A. C. **O Mito Moderno da Natureza Intocada**. 3. ed. São Paulo, SP: Hucitec, 2001.

GONÇALVES, C. W. P. **Os (des)caminhos do meio ambiente**. 5. ed., São Paulo: Contexto, 1996.

INGOLD, T. **The perception of the environment**. Essays in livelihood, dwelling and skill. London: Routledge, 2000.

JOLY, M. **Introdução à Análise da Imagem**. 14. ed. Campinas: Papyrus, 2012.

LEFF, E. (Coord.). **A Complexidade Ambiental**. São Paulo: Cortez, 2003.

MEDEIROS, M. G. L. Natureza e naturezas na construção humana: construindo saberes nas relações naturais e sociais. **Ciência & Educação**, v.8, n.1, p. 71-82, 2002.

MENESES, U. T. B. Fontes visuais, cultura visual, História visual: Balanço provisório, propostas cautelares. **Revista Brasileira de História**, v.23, n.45. 2003.

MORIN, E. **O método 1: a natureza da natureza**. 2. ed. Porto Alegre: Sulina, 2008.

THOMAS, K. **O homem e o mundo natural**: mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais (1500-1800). São Paulo, SP: Companhia de Letras, 1988.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. São Paulo, SP: Difel, 1980.